

Rosana Areal de Carvalho

O Professor Ivan e o ICHS

Sempre valorizei as pessoas nas quais distingo um modo positivo de ser. Denomino modo positivo como um modo previsível de ser. Mesmo que não tenha unanimidade na aceitação, é uma pessoa previsível. Ivan Antônio de Almeida era assim. Penso até que não estaria equivocada atribuindo ao seu temperamento um caráter idiossincrático. Fosse qual fosse a situação, para aqueles que o conheciam um pouco, de antemão sabíamos qual era sua posição. Posição da qual custava arredar, para não dizer raríssimas vezes.

Minha primeira passagem pelo ICHS foi em julho de 2002. Além de ser um período de férias, havia uma greve que vinha se arrastando. O aspecto físico do prédio e seu entorno era de arrepiar. Recordo ter visto algumas charges – isso mesmo, nosso querido Wall marcando presença – mencionando os novos cursos de extensão do instituto: capinagem e limpeza de terreno.

Foi justamente nesse momento que professor Ivan assumiu a diretoria do Instituto. Ao voltar a essa casa, em agosto de 2003, a aparência física já era muito diferente. E assim foi acontecendo: o Instituto de Ciências Humanas e Sociais foi se tornando o prédio mais bonito da UFOP. A atenção e o cuidado dispensados por ele ao aspecto físico do prédio correspondiam ao valor histórico do mesmo e, com paciência e perseverança, resgatou sua beleza arquitetônica.

Tão legítimo foi o projeto de recuperação física do prédio do ICHS que Ivan sempre encontrou parceiros entre os funcionários. Ao seu lado estiveram, durante muito tempo, dois jardineiros de mão cheia: Dona Geralda França e Seu Euclides. Na pintura e caiação das paredes, nosso amigo Catarina, apelido afetuoso para Jocemar. Eu mesma, por algum tempo, insisti em chamá-lo pelo nome, mas acabei me curvando ao apelido.

Daquelas flores plantadas nos jardins, muitas eram colhidas pela Dona Geralda Mendes para enfeitar o hall de entrada do prédio e uma jarrinha charmosa e démodé na sala da Diretoria. Era dela também a tarefa de provê-lo de ovos caipiras, queijo, farinhas e outros produtos “da roça”. Também dela era, e continua sendo, a responsabilidade com o café, quente e saboroso.

Como ficis escudeiros, Prof. Ivan sempre pode contar com Rosemeire da Fonseca, secretária da diretoria e Antônio Calixto, nosso Toninho. Se algum assunto não encontrasse solução com esses dois, é porque era insolúvel – da água ao fogo, na greve ou nos feriados, estavam a postos. Faço esses destaques porque entendo que a dedicação desses servidores corresponde aos valores pessoais de cada um, mas também porque confiavam no projeto do diretor.

Vou trazer à tona três casos que me parecem bastante ilustrativos da conduta do Professor Ivan na função de diretor. O primeiro deles começou com murmúrios e burburinhos escutados nos corredores acerca de um piano que teria chegado ao Instituto. O piano em si não era o motivo do burburinho, mas sim o inexplicável do caso: para quê o diretor teria solicitado um piano para o ICHS em tempos de internet “a lesma”

(única expressão que dá uma idéia da velocidade da conexão que tínhamos nessa época, lá pelos idos de 2004 ou 2005)? O movimento dos estudantes terminou numa pequena as-sembléia, no hall, estando presentes eles mesmos, com nariz de palhaço, o professor Ivan e alguns espectadores, como eu, por exemplo.

Ivan respondeu ao questionamento dos alunos, uma a uma das perguntas mais capciosas e violentas. Afinal, eles não estavam lá para ouvir explicações: lá estavam justamente porque partiam do pressuposto de que não havia explicações a serem dadas. Cobravam uma satisfação do diretor. E este, impávido, sem se alterar, foi apresentando inúmeros elementos que o levaram a solicitar o piano. Enfim, por algum tempo o piano ficou no hall, como que a lembrar a todos a contenda que cercava aquele instrumento. Tempos depois, o piano foi transferido para o Auditório do Prédio Novo (como Ivan sempre exigiu que fosse chamado o tal prédio), atual Auditório Prof. Francisco Iglésias. E hoje, ninguém seria capaz de pensar o ICHS sem esse piano...

No seu discurso de encerramento da gestão 2002-2010 afirmou: “Um sinal de mu-dança qualitativa foi a aquisição deste piano, aqui ao lado. Um piano, ao contrário de um computador, é para sempre.”

Além da vertente arquitetônica e paisagística, Ivan também tinha uma veia gastronômica. Vire e mexe trazia uma receita nova para Dona Ivonete. Ah, saudades também da cantina da Dona Ivonete. Até por volta de 2007, o corpo docente dos três departamentos – Educação, Letras e História – tinha um número pouco maior de professores do que tem hoje cada um desses departamentos. Tínhamos, sim, um coletivo. E o espaço da cantina era especial para essa convivência. Tomávamos café, almoçávamos e jantávamos. Encomendávamos bolos e pão de queijo. E tínhamos conta na Dona Ivonete.

Dessas receitas, destaco uma, que era a minha preferida, e a qual denominei “sobremesa da diretoria”: salada de frutas, com iogurte natural produzido pela Escola de Nutrição, regada com melado. Insuperável!

Anos depois, já na segunda gestão como diretor do Instituto, a vítima foi a Coca-Cola, sinônimo de refrigerante. Eis que Ivan decidiu colocar no contrato de licitação para a cantina uma cláusula proibindo a venda de refrigerante. Apresentou estudos e muitos argumentos a quem quer que questionasse a medida. Mas, antes mesmo das multinacionais do setor se manifestarem, professores e alunos se uniram contra a medida tomada pelo diretor, de forma unânime, por razões até diferentes.

Eu mesma, à época vice-diretora, fiquei numa saia justa. Conversei com ele, ponderei alguns aspectos e, por fim, não vendo nele qualquer indício de mudança de posição, resolvi justificar minha ausência na reunião seguinte do Conselho, pois entendi que não cabia me opor a ele nesse debate. Ainda pela manhã, antes da reunião do Conselho Departamental, ele me telefonou para dizer que eu deveria ir à reunião, pois teria uma surpresa. E foi uma surpresa para mim e para todos os demais conselheiros: retirou o assunto de pauta, afirmando que a cláusula estava suspensa, sem maiores explicações. Mesmo assim, ainda acho que a cantina nunca mais foi a mesma... E olha que nem tomo refrigerante!

Como não recordar da sua figura ereta, portanto um chapéu ou um grande guarda-chuva, com tempo para conversar com todos: alunos, professores, servidores. Fazia ques-tão de se apresentar a cada uma das turmas de calouros, e não perdia oportunidade de estar em sala de aula para atender aos reclames dos alunos.

Atrevo-me a recordar outro movimento encetado por ele: campanha de donativos para castração dos inúmeros representantes da espécie canina que adotaram o ICHS como lar. Não se tratava de eliminar a presença dos cães, desde que não freqüentassem a cantina e nem insistissem em assistir aulas. Tratava-se, apenas, de reduzir a população para que a mesma pudesse ser bem tratada.

Não estava presente na ocasião da eleição de 2002 para diretoria do ICHS, mas ouvi muitos relatos. Daí nasceu minha admiração pelo Prof. Ivan, que foi se confirmando com a convivência: um ser humano que soube se fazer reconhecido pelo trabalho, pelo respeito, pela dedicação a esse instituto.

Com essas ligeiras recordações, quero prestar uma singela homenagem ao Prof. I-van Antônio de Almeida. Continuo experimentando sua presença ao olhar o prédio, os jardins, os bancos, a escada de pedra, o Redondo, a quadra, apelidada pelos alunos de Almeidão... nas pitangueiras da entrada, no bambuzal, na grama, ao acender e apagar as luzes quando saio da sala ou passo pelo corredor.

Rosana Areal de Carvalho é doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foi vice-diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais dessa Universidade durante a segunda gestão do Prof. Ivan, entre os anos 2006 e 2010.